



UM QUADRO DO ATEÍSMO CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO: CIÊNCIAS NATURAIS COMO SINÔNIMO DE VERDADE, ATEÍSMO COMO AUTONOMIA DE PENSAMENTO

FRANCO, Clarissa De
Psicóloga da UFABC
Doutora em Ciências da Religião
clarissadefranco@hotmail.com

1

RESUMO

A partir dos dados da pesquisa de doutorado da autora, que investigou a posição de 1022 ateus acerca dos pressupostos de um autor de referência no ateísmo (Richard Dawkins), deriva-se desta pesquisa a apresentação de um quadro descritivo dos ateus estudados (idade, sexo, escolaridade), bem como de padrões de resposta dos sujeitos acerca das motivações que os levaram à posição ateuista. Reconhece-se um discurso de exaltação à ciência e identificação desta com a verdade, em contraposição às posições religiosas que seriam ilusórias/ falsas. O grupo também identifica a posição ateuista como referência de autonomia de pensamento, considerando as crenças como formas não autênticas de pensamento, fruto apenas de reproduções de dogmas. A discussão conceitual de base faz referência à epistemologia das ciências sociais, trazendo apontamentos de Dilthey (1949), Weber (1982), Berger (1995) e Lowy (2007).

Palavras-chave: ateus, verdade, autonomia.

ABSTRACT

From the data of the author's doctoral research, which investigated the 1022 position of atheists about the assumptions of an author reference in atheism (Richard Dawkins), derives from this research to present a descriptive framework of atheists studied (age, gender, education) as well as response patterns of the subjects about the motivations that led to the atheistic position. It recognizes a speech exalting science and identification of this with the truth, as opposed to religious positions that would be misleading / false. The group also identifies the atheistic position as reference autonomy of thought, considering beliefs as unauthentic forms of thought, fruit only reproductions of dogmas. The basic conceptual discussion refers to the epistemology of the social sciences, bringing notes of Dilthey (1949), Weber (1982), Berger (1995) and Lowy (2007).

Key-words: atheists, truth, autonomy.



1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA: UM QUADRO DESCRITIVO DOS ATEUS CONTEMPORÂNEOS

Esta comunicação é derivada da tese de doutorado da autora, que pesquisou o ateísmo professado pelo biólogo Richard Dawkins, nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum, tendo concluído a pesquisa em junho de 2014. A tese investigou o impacto das ideias de Dawkins no público que se declara ateu. Tal público foi acessado através de grupos de ateus no Facebook e a amostra final válida foi de 1022 sujeitos, que responderam a um questionário online.

Para este artigo especificamente, optamos por apresentar uma pequena parte da pesquisa de doutorado, que se ocupa de mostrar um quadro descritivo dos ateus estudados (idade, sexo, escolaridade), bem como de padrões de resposta dos sujeitos acerca das motivações que os levaram à posição atesta.

É importante identificar que os ateus, em termos de classificação no Censo do IBGE, fazem parte do grande grupo dos “sem religião”, nos quais se encaixam ateus, agnósticos e apateístas ou ateístas práticos (indiferentes à religião). Pessoas com uma espiritualidade própria são enquadradas no termo “espiritualistas”.

Os dados do Censo de 2010 apontam aproximadamente 15 milhões e 300 mil de “sem religião” no Brasil, dentre os quais aproximadamente 615 mil seriam ateus declarados¹. Os sem religião, quando comparados diante do contexto educacional, mostram um padrão interessante: as pessoas sem instrução somadas às que frequentaram apenas creche totalizam mais de 20% do grupo, e na outra ponta, as pessoas com mestrado e doutorado são mais de 17%. O restante dos sem religião é distribuído entre os outros contextos de escolaridade mantendo índices de 2% a 8%. Pouca ou nenhuma instrução e alto nível educacional parecem ter influência sobre a falta de crença. (NERI, 2011, p. 24)

De acordo com o que pudemos observar, os ateus contemporâneos² organizam-se em grupos e associações, e muitos destes grupos possuem caráter político. Neste sentido, reconhece-se entre estes ateus uma força de organização social, com objetivos de atuação no

¹ Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_pdf.shtm. Acesso em julho de 2014.

² Os termos neoateísmo e neoateus não é bem aceito pelos ateus contemporâneos. Durante a coleta de dados, foi informado a autora que o termo é considerado pejorativo e ofensivo, sendo comumente utilizado por religiosos para se referir aos ateus em sinal de escárnio.



cenário político. Nossa tese apontou para um empoderamento dos ateus na sociedade atual, a partir das possibilidades que a secularização e o Estado laico trouxeram (FRANCO, 2014). A laicidade do Estado, que protege a pluralidade de manifestações religiosas, tem tido como consequência o empoderamento do discurso ateu, que sente respaldo em um Estado que não pode mais apoiar legalmente uma religião majoritária.

O novo ateísmo possui um adversário social claro: as religiões majoritárias e o discurso de seus adeptos. Conforme observa Sam Harris (2004, p. 234), condenável é a “influência lunática da crença religiosa” e, ainda: “todos os homens e mulheres dotados de razão possuem, necessariamente, um inimigo comum: a fé” (ibid. p. 131). Também podemos verificar em grupos de ateus contemporâneos sua *organização social*. São várias as associações³ às quais ateus se filiam, promovem debates por meio de fóruns, têm acesso a trechos de livros, artigos, frases e outros pensamentos que fomentam o ateísmo, o pensamento racional, a possibilidade de um mundo sem Deus. Além do adversário e da organização coletiva, o novo ateísmo tem uma *causa*.

A ATEA, Associação de Ateus e Agnósticos (ATEA), grupo de ateus cujos líderes eventualmente aparecem nos meios midiáticos, tendo certa repercussão pública, possui objetivos estatutários, que estão assim descritos: “é uma associação de direito privado, constituída (...) com a finalidade de desenvolver atividades no campo da ordem social que busquem promover o ateísmo, o agnosticismo e a laicidade do Estado”. Dentre os objetivos específicos⁴:

- Congregar ateus e agnósticos, defendendo seus interesses e direitos, em todo o território nacional, bem como nos países ou estados independentes onde o Estado Brasileiro possui representação diplomática;
- Combater o preconceito e a desinformação a respeito do ateísmo e do agnosticismo, dos ateus e dos agnósticos;
- Auxiliar a autoafirmação dos ateus e agnósticos frente ao preconceito e a rejeição sociais;
- Apontar o ateísmo e o agnosticismo como caminhos filosóficos viáveis, consistentes e morais;
- Promover sistemas éticos seculares;
- Promover a laicidade efetiva do Estado, combatendo em todas as esferas legais qualquer tipo de associação que seja contrária ao descrito na Constituição da República Federativa do Brasil;
- Promover o pensamento crítico e o método científico; e

³ Como referências básicas, cito sites em português e inglês (acesso em julho de 2012): <http://ateus.net/>; <http://ateusdobrasil.com.br/>; <http://www.atea.org.br/>; <http://richarddawkins.net/>; <http://www.thethinkingatheist.com/>, www.the-brights.net.

⁴ Disponível em: www.atea.org.br, acesso em março de 2013.



- Defender os direitos legais de ateus e agnósticos podendo participar e contribuir com as instituições democráticas legalmente descritas e fundamentadas na Constituição da República Federativa do Brasil, fazendo sugestões, participando de discussões sociais e representando ações públicas ou privadas sempre com base nos objetivos descritos e fundamentados no estatuto.

Conforme se observa, há um claro interesse em agregar os ateus de modo organizado e politicamente engajado. É frequente em portais virtuais de ateus, a associação do ateísmo com a defesa de causas de minorias, como o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Observa-se na fala de Richard Dawkins, um cientista renomado, militante ateu, esta associação:

Minha quarta conscientização diz respeito ao orgulho ateu. Não há nada que se desculpar por ser ateu (...) Exatamente como no caso do movimento gay, quanto mais gente sair do armário, mais fácil será para os outros fazer a mesma coisa (DAWKINS, 2007, p. 26-28).

Os ateus do século XXI possuem em geral bom nível educacional e são, em maioria, homens, e jovens de até 30 anos (NERI, 2011). Como preconizou Dawkins, estes ateus não se “escondem nos armários”. Organizam-se publicamente, promovem eventos para o público ateu, campanhas, produzem humor especializado no tema, participam de debates com religiosos, palpitam em debates públicos que envolvem direitos de minorias, colocam-se geralmente contrários a posições religiosas em casos de debates públicos (uso de células-tronco para fins médicos, descriminalização do aborto, casamento entre homossexuais..). Os ateus do século XXI compõem-se como um grupo politicamente organizado (claro que não em sua totalidade), que sabe que a laicidade do Estado protege sua forma de visão de mundo, que percebe o lugar desconfortável que os religiosos tradicionais passaram a ocupar na sociedade plural e secularizada.

Conforme veremos este grupo, parece evidenciar o ateísmo como um caminho de livre escolha e a religião como um caminho de doutrinação. Este é o público com o qual estamos dialogando.

Nossa amostra contou com a participação de 1022 sujeitos válidos⁵ e foi composta da seguinte forma: nossa preocupação era que somente pessoas que se declaram ateístas respondessem ao questionário de pesquisa. Para tal finalidade, dirigimo-nos a grupos de ateus no Facebook e a sites de ateus, convidando pessoas nessas condições de crença (ou descrença) a

⁵ Do total de 1041 respostas obtidas aos questionários, foram excluídas da amostra 17 pessoas que se declararam não ateístas na questão 1, e 2 respostas duplicadas, totalizando 1022 sujeitos válidos, ou seja, ateus.



participarem de nosso questionário, para o qual foi criado um documento online, com 30 questões, sendo dividido entre:

- Questão número 1, fechada, que visava confirmar a posição ateuista entre os sujeitos;
- Questões 2 a 6, de ordem descritiva (idade, sexo, escolaridade, profissão, local);
- Questões 7 e 8, abertas, visando esclarecimentos sobre as circunstâncias e os motivos pelos quais a pessoa se posicionava como ateuista;
- Questões 9 a 29, fechadas, sobre conceitos do ateísmo em geral, mais especificamente do ateísmo professado por Richard Dawkins;
- Questão 30, mista (fechada com possibilidade de intervenção escrita), que visava verificar o contato e a percepção dos sujeitos com a obra de Richard Dawkins.

Para fins desta comunicação, utilizaremos os dados retirados apenas das questões de 2 a 8, que tratam do quadro descritivo da população estudada. Os programas usados para fazer a análise estatística foram SPSS.17 e SPAD, entretanto, muitos dados não serão apresentados nessa comunicação. Em nossa amostra válida, composta por 1022 (mil e vinte e duas) pessoas que se declararam ateuistas, a variação de idade observada é muito grande, abrangendo de 12 a 71 anos. Entretanto, a maior parte da amostra tem idade inferior a 35 anos, provavelmente em função da coleta de dados ter sido feita em grupos de ateus pela internet. Conforme observa Rogério Silva (2012), o perfil de frequentadores dos sites ateus em língua portuguesa é de jovens de até 24 anos em sua maioria.

Mais de 80% da amostra está nas universidades ou já fez graduação, indicando que se trata de um grupo com alta escolaridade. E esta é também uma amostra composta em grande maioria por pessoas do sexo masculino (80%). Estes dados apresentam congruência com as observações do Censo de 2010.⁶

Mesmo a abordagem tendo sido realizada em sites e grupos ateus em português, 22 pessoas declararam residir em outros países. Dentre os sujeitos que residem no Brasil, a amostra teve representantes em todos os estados brasileiros, com maior concentração nas regiões sul e sudeste, conforme vemos na tabela abaixo.



TABELA 1: DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS POR ESTADO:

Acre	4	0,39
Alagoas	18	1,76
Amazonas	6	0,59
Bahia	37	3,63
Ceará	27	2,65
Distrito Federal	23	2,25
Espírito Santo	19	1,86
Goiás	33	3,24
Maranhão	1	0,10
Mato Grosso	8	0,78
Mato Grosso do Sul	8	0,78
Minas Gerais	99	9,71
Pará	10	0,98

Paraíba	15	1,47
Paraná	82	8,04
Pernambuco	35	3,43
Piauí	9	0,88
Rio de Janeiro	104	10,20
Rio Grande do Norte	12	1,18
Rio Grande do Sul	79	7,75
Rondônia	2	0,20
Roraima	2	0,20
Santa Catarina	56	5,49
São Paulo	302	29,61
Sergipe	6	0,59
Tocantins	1	0,10

Embora nossa amostra de 1022 sujeitos não tenha validade estatística, em função de não ter sido escolhida sob critérios que permitiam que os ateus de todas as partes do país fossem igualmente representados, conta a favor de nossa pesquisa o fato de ser uma amostra grande (especialmente levando-se em conta que o número de ateus declarados no último Censo do país gira em torno de 615 mil pessoas). Portanto, uma amostra de 1022 ateus com representantes em todos os estados brasileiros pode servir como um importante “termômetro” de estudo para a área.

2 POR QUE SER ATEU?

As duas questões abertas: “em que circunstâncias você se tornou ou se reconheceu como ateu?” e “por que você se posiciona como ateu?” pressupõem um espaço para manifestações, compondo a análise qualitativa do questionário.

Em relação às questões 7 e 8, observamos que o padrão de respostas se concentra em três grandes temáticas argumentativas: a primeira, que se apoia na razão, ciência e conhecimento como formas de “lúcidas” de compreender a realidade, colocando a religião no patamar de ilusão, fantasia, irracionalidade. A falta de evidências dos pressupostos religiosos



seriam motivos para creditar a eles o caráter de irrealidade. Tal mecanismo, vemos como uma constante no pensamento ateu, não apenas no chamado novo ateísmo, mas em qualquer pensamento ateu de expressão na História. Isto encontra reverberação no confronto entre religião e ciência.

A segunda temática revela um motivo de preconceito contra ateus. Nesse sentido, exalta-se, no contexto brasileiro, as igrejas evangélicas, popularmente identificadas (de modo indiscriminado) como donas de um código moral rígido. Os ateus, neste sentido, identificar-se-iam como resistentes a uma sociedade religiosa que quer incutir valores nos outros. Reivindicam autonomia de pensamento, em contraposição à reprodução de doutrinas.

De modo interligado ao segundo tema, o terceiro padrão de respostas observado nas questões abertas 7 e 8, seria o de exaltar a não necessidade religiosa para se ter uma ética, e a ideia de que a ética ateísta seria por vezes mais elevada que a das religiões em geral. Este tema da dissociação da religião e da ética é foco de debate entre ateus em sites e livros.

Dawkins (2007, p. 295) chama de "bajulação" e "puxação de saco", uma pessoa ser boa para obter a aprovação de Deus. Discute a (não) necessidade de um policiamento de nossos comportamentos, indicando que a justificativa para sermos éticos adviria do humanismo:

Estou inclinado a desconfiar (com base em alguma evidência, embora possa ser simplista tirar conclusões dela) que haja bem poucos ateus nas prisões. Não estou necessariamente afirmando que o ateísmo aumenta a moralidade, embora o humanismo – o sistema ético que frequentemente acompanha o ateísmo – provavelmente o faça. (DAWKINS, 2007, p. 298).

Há várias questões interessantes no apontamento de Dawkins. Primeiro, é a que a defesa de que "não são só os religiosos que teriam ética" passa a uma inversão que indica que os ateus teriam mais motivos para serem moralmente corretos. Parece que Dawkins rebate posições teístas que ele considera equivocadas com a mesma lógica retórica, radicalizando o debate para o outro pólo de discurso.

O segundo e não menos interessante ponto a ser discutido é acerca do humanismo. Muitos dos grupos religiosos têm práticas assistencialistas e humanitárias. Ignorar tais práticas, focando-se apenas nos aspectos malévolos das religiões parece-nos um recorte longe da imparcialidade.

Vamos, abaixo, aos exemplos destes três padrões de respostas apontados:



a) Exemplos de respostas que enfatizam a ciência, a razão, as evidências como argumentos que embasam o ateísmo:

1 - *“Não existe nada além de nós mesmos, está muito óbvio! o resto faz parte da imaginação humana.”*

2 - *“Acho que tem uma explicação científica para todos os acontecimentos da vida. Já fui de todas as religiões possíveis: umbanda, candomblé, evangélica, católica, mórmon, judaica (parte de minha família), espírita entre outras, li a Bíblia toda e em todas essas religiões vi a mesma coisa. A Bíblia é apenas um livro e religião é usada para ganhar as pessoas através de seus medos e suas crenças. Não gosto de religiões, respeito como eu respeito sua sexualidade, mas não acho uma coisa certa”.*

3 - *“Não existe um Deus criador de todas as coisas, tudo é natural. A terra não é o único planeta habitado”.*

4 - *“Não vejo razão para acreditar em homem invisível.”*

5 - *“Não vejo sentido em acreditar nessa construção humana que denominam Deus”.*

O relato descrito abaixo trata do caráter doutrinador, frequentemente atribuído às religiões e não ao ateísmo. É como se o caminho religioso não fosse fruto de escolha, mas o ateu sim.

6 - *“(Tornei-me ateu) a partir do momento em que me recusei acreditar em algo só porque falavam que eu deveria acreditar. Me questionei, não fui respondido, e percebi muitas outras coisas com isso.”*

Na sequência, mais depoimentos que reforçam a dicotomia entre razão, conhecimento, lucidez e ciência, de um lado – e crença, ilusão, ignorância e fantasia, de outro.



7 - *“Não vejo uma necessidade universal para a existência de um criador; muito menos necessária é a presença criadora e arbitrária dos deuses apresentados nas mais diversas culturas na história da humanidade. Não há evidências científicas que tornem plausível a crença, muito pelo contrário. Com o avanço do conhecimento científico, os deuses estão tornando-se cada vez menos necessários para provar algo sem demonstrar. A falácia argumentativa do "Deus das lacunas" será cada vez menos viável.”*

8 - *“(Tornei-me ateu) porque não encontro lógica em crer em um ser imaginário. Porque não acho saudável remeter meus erros e acertos a algo/alguém que não se pode provar”.*

9 - *“(Tornei-me ateia) ao perceber as incoerências bíblicas, a falta de respostas objetivas dos religiosos em relação a assuntos como a onisciência, onipotência e bondade divinas. Talvez eu sempre tenha sido ateia, nunca acreditei mesmo que havia deus, anjos, demônios. A cada dia, lendo, pensando, fui abrindo um fosso entre mim e a religião cada vez maior que agora não vou mais conseguir transpor.”*

10 - *“Quando eu abri meus olhos e comecei a me aprofundar nas religiões e sempre vi vários **erros**, tentei todo tipo de religião ou deus, porém nenhum me convenceu”. (grifo nosso).*

11 - *“Quando percebi que a religião e suas figuras mitológicas não faziam sentido algum, tanto é que a religião de uma civilização mais antiga é mera mitologia para a nova. Percebi que não faz sentido algum a existência de forças sobrenaturais, nunca foi provada, ao contrário das forças que regem o universo (gravidade, eletromagnética, nuclear forte e fraca) E o principal, tudo isso (religião) gira em torno de um único motivo, as pessoas não querem ser dados jogados pelo universo, elas querem pertencer a “algo maior” serem importantes, se sentirem reconfortadas quando são injustiçadas, etc. e o mais importante, não aceitam que elas têm um tempo, uma vida e que depois não existe mais nada, que isso faz parte de um ciclo natural, nascer, crescer, morrer. Então se apegam tão fortemente e essas crenças que as cegam, pois assim continuam achando que é parte de um “plano divino”, e que aquela vidinha dela é só parte, que depois é que vira a “parte boa”. Poderia ficar dias citando motivos do quão absurdo e sem sentido é a religião”.*



12 - *“(Tornei-me ateu) porque religião é uma palhaçada. Só uma pessoa com uma lógica e raciocínio bem escroto para acreditar nessa alienação.”*

O termo “erro” no relato 10 acrescenta à dicotomia já citada a questão do certo e do errado, o julgamento daquilo que é verdadeiro. O depoimento 11 traz a ideia de que as crenças religiosas “cegam”, ou em outras palavras ignoram, alienam, fazendo com que os crentes deixem de perceber “a realidade”. O termo “palhaçada” no relato 12 revela uma inferiorização do modo de compreensão religioso, atribuindo ao mesmo o lugar de falta de lógica e irracionalidade.

10

b) Exemplos de respostas que trabalham a relação entre ateísmo e ética, com críticas à ética religiosa:

14 - *“(Tornei-me ateu) ao ver que as religiões só se preocupam com dinheiro e praticam uma caridade falsa, como entidades filantrópicas. E não entendendo como os religiosos podem aceitar o último trocado de uma pessoa que está passando fome”.*

15 - *“Porque não aceito que religiões ou o fato de acreditar em algo vai fazer uma pessoa prestar ou não”.*

16 - *“Porque logo que me batizei na igreja evangélica, comecei a frequentar mais a igreja, e comecei a perceber a hipocrisia das pessoas em só dar atenção na Bíblia quando ela se diz ser “boa”, já na maioria das partes onde deus castiga, maltrata ou julga os pastores não pregam nada sobre... E justamente por nunca sentir tal presença divina em mim!”*

17 - *“(Tornei-me ateu) quando entendi que a lógica devia guiar meus pensamentos e que não preciso de religião para ter um bom caráter”.*

c) Exemplos de respostas de quem vê preconceito contra ateus:

18 - *“Meu posicionamento aberto como ateu não tem intenção de convencer ninguém sobre o certo ou o errado. Meu posicionamento aberto como ateu, só se faz necessário porque*



infelizmente os religiosos dotados de preconceitos estão cada vez mais ocupando altos cargos públicos e tentam impedir a igualdade de direitos de algumas minorias com base unicamente em sua crença”.

19 - *“Porque acho necessário (me posicionar como ateu). Estamos vivendo, na minha concepção, obviamente, uma ‘ditadura evangélica’ e acho importante que as pessoas saibam que os ateus existem e que eles são pessoas normais”.*

11

3 DISCUSSÃO DOS DADOS

Basicamente, os exemplos de frases retiradas das afirmações dos sujeitos de pesquisa, ateus, demonstram o raciocínio de considerar o pensamento ateuista mais autônomo, racional, maduro e crítico que o religioso. Esta análise verifica que os ateus, embasados em uma ênfase à ciência e à racionalidade, acabam por desqualificar as crenças como um caminho legítimo de pensamento e escolha, já que este seria fruto de doutrinação. O mecanismo central constitui-se em opor racionalidade à crença, identificando a ciência, especialmente as de base empírica, como um ícone racional da verdade, sendo as crenças sinônimos de pensamento fantasioso, ilusório.

Este mecanismo, além de desqualificar a imaginação, destituindo seu poder criativo e construtivo em termos emocionais, estéticos, artísticos, literários e simbólicos, torna a discussão em torno do conceito de verdade reducionista, na medida em que verdade passa a ser sinônimo de objetividade e empiria e nada mais. E, neste raciocínio, o método para se acessar a verdade seria o das ciências naturais.

Travestida agora de neodarwinismo, a ideia de superioridade da ciência sobre a religião é o que ancora e encoraja a faceta pública do ateísmo contemporâneo. E esse pensamento carrega implicações conceituais de um imaginário subjacente que identifica na ciência um ideal de racionalidade e objetividade de cunho salvacionista. É quase como dizer que a racionalidade é um atributo da modernidade (como se na história da humanidade, o progresso conduzisse linearmente o pensamento do menor nível de racionalidade ao maior) e que quanto mais a ciência evolui, tanto mais as coisas podem ser apreendidas de modo objetivo. As religiões, por se fundamentarem em um conhecimento subjetivamente suficiente, seriam representantes do universo emocional, que estaria distante da *verdade*. Neste sentido, seu lugar perante a ciência



seria algo como as fábulas infantis, o lugar da imaginação, da fantasia e do *delírio* como algo patológico, ou um vírus (DAWKINS, 2007).

Christopher Hitchens (2007, p. 208) – um dos *cavaleiros* que encabeçam a ala pública do movimento ateu contemporâneo – reconhece que os pressupostos que alicerçam seus discursos são de um iluminismo renovado. Não é por acaso que boa parte dos ateus contemporâneos chama a si mesmos de *brights* (iluminados)⁷. Tal “iluminação” seria trazida pela ciência. Nas palavras do Dawkins (2007, p. 29), “espíritos livres (...) devem precisar só de um pequeno incentivo para se libertar de vez do vício da religião”.

Não nos parece verossímil afirmar que a crença dispensa a objetividade ou a razão. Além do modelo explicativo que as religiões fornecem, devemos considerar que a dimensão religiosa também instiga constantes reflexões acerca de questionamentos complexos. Queremos dizer, com isso, que as crenças podem ser respostas legítimas – nem sempre ingênuas ou contaminadas – a formulações complexas vindas de mentes inquietas, pois seu objeto em questão não tem uma resposta única resposta *verdadeira* possível.

Verdade, realidade e conhecimento são associados no ateísmo contemporâneo, de modo a exaltar o lugar daquilo que é objetivo e racional. Entretanto, mesmo dentro da ciência, não se pode abordar a temática com tal simplicidade. No campo da sociologia do conhecimento, alguns autores como Max Weber (1982) e Peter Berger (1985; 2002) dão ênfase à subjetividade humana no significado da realidade, sendo esta (a realidade) compreendida como uma construção da mente humana. O acesso ao conhecimento, para Weber (1982), estaria limitado ao modelo mental, sendo o significado da realidade algo imputado pela mente. Berger (junto com LUCKMANN, 2002) considera a ciência um tipo de conhecimento reducionista por vocação, uma vez que seu conhecimento se estabelece através de categorias, que precisam traduzir a realidade de modo especificado, e, portanto, reducionista em relação à abrangência do fenômeno em questão.

Em *Dossel Sagrado* (1985), Peter Berger descreve o processo de “nomação” do mundo, daquilo que o torna plausível e compreensível, podendo ser partilhado com o nome de realidade. A plausibilidade das estruturas sociais que tornam a realidade possível seria dada pela capacidade humana de se alienar, no sentido de tornar objetivo o que tinha originalmente um caráter subjetivo. Entretanto, isso não significa tornar a realidade sinônima de objetividade,

⁷ A expressão “*brights*” foi trazida a público no contexto dos novos ateus por Richard Dawkins em um artigo para o jornal *The Guardian* (2003). Disponível em: <http://www.the-brights.net/>. Acesso em julho de 2012.



uma vez que haveria todo um processo afetivo, subjetivo e de outras instâncias, que ancora a plausibilidade do mundo.

Em outra linha de pensamento, mas que também nos pode ser útil no momento, Clifford Geertz, no clássico *A interpretação das culturas* (1978) trata o conhecimento religioso como um universo simbólico que aliaria recursos encontrados no senso comum e na ciência, a saber, a conexão emocional, intuitiva e, por outro lado, um “estatuto de factualidade” ligado a um sistema racional de pensamento, fornecendo tanto explicações, quanto sentido. Portanto, para este autor, a integração de sistemas simbólicos distintos estaria na base da forma de conhecimento promovida pela religião.

Há, no fazer científico de algumas ciências (em especial nas áreas naturais, campo que nos interessa particularmente), uma ênfase à objetividade, e pode-se considerar que as ciências humanas teriam menos declínio a essa visão. Em nossa maneira de analisar o problema, a racionalidade está implicada tanto no conceito de verdade como conhecimento objetivo, como na visão de verdade como interpretação. A subjetividade não é sinônimo de ausência de racionalidade.

Podemos trazer ao debate Michel Lowy (2007) que propõe uma zona de transição entre as ciências naturais e humanas, que poderia ser traduzida em espaços de conhecimento nos quais estas áreas se tocam. Ele denomina tais espaços de “fronteira quente”, afirmando: “quanto mais uma ciência natural se aproxima desta “fronteira quente” com as ciências humanas, mais ela se arrisca a se carregar de “eletricidade ideológica”” (2007, p. 232). Michel Lowy explicita a tensão, entretanto reafirma a necessidade de diálogo entre os campos do saber.

Nesse ponto, há que se chamar Dilthey para nossa conversa. O filósofo alemão tem no bojo de sua proposta a meta de superar a dicotomia entre ciências humanas e naturais, e, segundo Gadamer (*O problema da consciência histórica*, 1998a), Dilthey (1949), com sua fundamentação de historicidade fornecida às ciências do espírito, teria proposto uma nova formulação para o conceito de verdade, indicando que não somente as ciências da natureza poderiam acessá-la. Dilthey (1949) indica que a natureza não poderia ser conhecida em seus fundamentos últimos, senão apenas pelo modo como a apreendemos. Ele situa na historicidade do homem seu processo de conhecimento, ao qual a razão humana estaria submetida.

Gadamer (1998a; 1998b) observa que o método científico sempre fora identificado com o método das ciências naturais (método indutivo) – quase o mesmo que dizer que só seria considerada científica tal maneira de fazer ciência – e à luz das formulações de Dilthey, ele



expõe: “não se trata, em absoluto, de definir simplesmente um método específico, mas sim de fazer justiça a uma ideia completamente diferente de conhecimento e de verdade.” (GADAMER, 1998a, p. 20). A verdade, para Dilthey, estaria no processo cumulativo de conhecimento e não no mundo físico, natural e objetivo, mas no que se pode apreender sobre esse mundo.

A dicotomia existente entre as ciências se torna mais evidente quando comparamos os campos religioso e científico, uma vez que para boa parte do campo das ciências humanas (sociologia, psicologia, filosofia, história...) a religião é um objeto analisado não sob a perspectiva de provas, evidências, mas como um fenômeno humano de sentido e valores de outras ordens. Nesta linha de pensamento, só se faz compreensível pensar em uma “guerra” entre religião e ciência, quando falamos a partir do modelo das ciências naturais, e ainda, de modelos de ciência que pretendem fazer inferências morais ou valorativas sobre a religião. Se a religião é boa ou má para os seres humanos, se ela é verdadeira ou falsa, não cabe à ciência fornecer este tipo de resposta.

Questões e campos de fronteira provavelmente sempre existirão, dada a complexidade do conhecimento. As soluções para o contato destes campos é que evidenciam se o conhecimento é abordado com vistas a uma abertura de fronteiras ou a um fechamento que visa encerrar as questões dentro de um modelo único de verdade. Por que, afinal, é necessário opor tradição e modernidade? Por que não podem coexistir posicionamentos religiosos e científicos, sem a luta pela invalidação dos argumentos do outro?

A esta altura, já deve ter ficado claro ao leitor meu posicionamento acerca do debate entre religião e ciência, ao menos no que se refere ao âmbito da verdade. Não há guerra entre religião e ciência; há, claro, guerra entre religiosos e cientistas. Como campos de conhecimento inter-relacionados desde sua origem (se considerarmos a origem da ciência como um produto europeu ocidental do século XVII, esta relação fica explícita), religião e ciência estão – cada qual a seu modo e eventualmente de modos que se tocam – em busca de explicação para o mundo e para os seres que o habitam, mas – cabe ressaltar – explicações com funções diferentes. A religião não precisa que os conhecimentos objetivos e subjetivos se encaixem. Isso, não só é dispensável como também é desagradável ao tipo de experiência que ela propõe. Da mesma forma, em princípio, não seria função da (s) ciência (s) emitir um julgamento sobre a realidade em bases do tipo “mais ou menos verossímil”, “benéfica ou maléfica”. Também não parece função da ciência destruir mitos, mas sim, tentar explicar os mecanismos que tornam os



mitos necessários ou existentes a determinados grupos. À ciência cabe ampliar o debate e não fechá-lo a partir de certezas categóricas.

A verdade, nesse sentido, são histórias contadas de “pais” cientistas, religiosos, filósofos, ateus, a “filhos” ávidos pelo conhecimento que deveria preencher sua ansiosa alma. A verdade, ou melhor, as verdades, são sempre histórias contadas e construídas a partir de referenciais e anseios próprios, sem, no entanto, desprezar a esfera do compartilhamento destas histórias, que deve ter instâncias que mediam o sentido da realidade. Não se trata de colocar ciência e religião lado a lado como duas grandezas de dimensões similares. Trata-se – claro – de verdades em níveis diferentes (mas nem por isso uma mais legítima que a outra).

Por ora, fiquemos com a sugestão de Michel Löwy (*As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchausen*, 2007), que sustenta que tanto mais próximos da verdade estaremos quanto mais nos expusermos ao debate plural, permitindo que olhares múltiplos construam as verdades possíveis, através da mobilização do “capital do saber acumulado”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando lemos os relatos sobre o preconceito que os ateus sofreriam por parte dos religiosos, é preciso considerar que esta reclamação é legítima, em uma sociedade na qual a grande maioria se declara religiosa. Entretanto, nesta comunicação considera-se que não é desqualificando os que creem que os ateus passarão a ter seus espaços reconhecidos publicamente.

Ateísmo e religião fazem parte de um espectro de crenças e posições ideológicas/filosóficas sobre assuntos parcialmente desconhecidos. Em tempos de pluralismo religioso, garantido pelo Estado laico, é preciso que as polaridades entrem em diálogo, como propõe Lowy (2007), afrouxando as fronteiras e diferenças.

Os ateus, atualmente em sua maioria homens jovens com instrução, que se organizam politicamente e atuam em importantes debates sociais, querem que suas vozes sejam ouvidas. Muitos deles, no entanto, têm cometido ações similares às que criticam nos religiosos, sendo eventualmente arbitrários e fundamentalistas em seus discursos.

Não se pode dizer que somente o ateísmo representa autonomia e lucidez, sendo a religião sinônimo de ilusão, delírio ou fruto de pensamentos imaturos e doutrinados, porque isso seria enxergar apenas um aspecto do fenômeno das crenças, generalizando



comportamentos específicos de alguns religiosos. Da mesma forma, quando se identifica o ateísmo com falta de ética, exibe-se uma discriminação gratuita, que não contribui para o avanço da convivência das posições.

5 REFERÊNCIAS

- DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007
- DAWKINS, Richard. "The future looks bright". *The Guardian*, 21 June 2003.
- DILTHEY, Wilhelm. *Introduction to the Human Sciences*. Edited by R. A. Makkreel & F. Rodi; trad. Michael Neville. New Jersey: Princeton University Press, 1989.
- DILTHEY, Wilhelm. *Introducción a las Ciencias del Espiritu*. Fondo de Cultura Económica, México, 1949.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. O sistema totêmico na Austrália. São Paulo, 2000.
- FRANCO, Clarissa De. O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum. Tese de Doutorado em Ciências da Religião. PUC/SP, São Paulo, 2014, 233 pgs.
- GADAMER, H-G. *O problema da consciência histórica*. Vila Nova de Gaia: Estratégias Criativas, 1998a
- GADAMER, H. G. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998b.
- GEERTZ, Clifford. *A religião como sistema cultural*. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- HARRIS, Sam. *A Morte da Fé*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- HARRIS, Sam. *Carta a Uma Nação Cristã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HITCHENS, Christopher. *Deus não é grande*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- LÖWY, Michel. *As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen*. São Paulo: Busca vida, 2007.
- NERI, Marcelo Cortes. Novo Mapa das Religiões. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- SILVA, Rogério. Sites ateus do Facebook: o boom de uma disputa simbólica. *Anais ABHR*, 2012. Disponível em:



<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/510/341>, acesso em dezembro de 2013.

<http://ateus.net/>. Acesso em julho de 2014.

<http://ateusdobrasil.com.br/>. Acesso em julho de 2014.

<http://www.atea.org.br/>. Acesso em julho de 2014.

<http://richarddawkins.net/>. Acesso em julho de 2014.

<http://www.thethinkingatheist.com/>. Acesso em julho de 2014.

www.the-brights.net. Acesso em julho de 2014.

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_pdf.shtm. Acesso em julho de 2014.